

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO ( COMUNICAÇÃO COORDENADA )

NOME: DANIELA PAULA DO COUTO

TÍTULO: A FAMÍLIA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: A RELAÇÃO COM UM DESEJO NÃO-ANÔNIMO

AUTORES: DANIELA PAULA DO COUTO, DANIELA PAULA DO COUTO

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): UFSJ

PALAVRA CHAVE: PSICANÁLISE, FAMÍLIA, SUJEITO, DESEJO.

## RESUMO

O que está em jogo na definição de um conceito tão extenso como o de família e em que medida a psicanálise contribui para precisar sua compreensão? Essa é a questão orientadora da presente investigação teórica que se configura como um desdobramento da pesquisa de mestrado da autora e toma por fundamento o texto de Jacques Lacan, Nota sobre a criança, de 1969.

Lacan avança em abordar a constituição do conceito de família pelo prisma do desejo, já que aquilo a ser transmitido é a falta e seu correlato estrutural: o desejo. A família tem como papel essencial a transmissão da constituição subjetiva, que não é da mesma ordem da satisfação das necessidades, mas tem "[...] relação com um desejo que não seja anônimo" (Lacan, 1969/2003, p. 369).

Na contemporaneidade, de que modo a família vem transmitindo a constituição subjetiva? Podemos apontar o laço que se faz com o discurso médico-científico, incorporado pelos pais e ofertado à criança como pílula e justificativa discursiva.

Frequentemente, vemos pais em busca de ideais que possam tamponar suas faltas e que são ofertados em nome do "saber-tratar" a criança. No que se refere à efetividade das funções materna e paterna, Renata Petri (2006, p. 88) aponta que elas foram "supridas por especialistas representantes de 'um saber maior'".

Um dos transtornos que mais afeta a família na atualidade é o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), que, nas palavras de Ana Lydía Santiago (2013, p. 13), "apresenta-se como oferta ordinária para a nomeação da angústia que se manifesta, na contemporaneidade, mesclada à exigência e ao ideal de aceleração do corpo e da mente na composição de um ser performático, eficiente e superinteligente."

A massificação do diagnóstico tem implicado em excesso de prescrição de medicamentos. É nesse sentido que o cloridrato de metilfenidato (indicado para tratamento do TDAH) se tornou um objeto de consumo desejado pelos pais, que serviria para tamponar a falta deles, já que o filho diagnosticado como hiperativo e/ou desatento não figura como aquele preconizado pelos ideais do Outro, encarnados pela escola e por seu discurso a serviço do saber médico-científico. Com a invenção de objetos propagados como aqueles que trarão satisfação, a difusão do saber científico promete uma satisfação imediata, na medida em que são determinados pelo discurso capitalista.

Na modernidade, Lacan (1972) localiza uma relação causal entre o mal-estar e o discurso do capitalista, no ponto em que esse discurso é determinado pelo significante-mestre capital, que enxerga no outro apenas um meio, excluindo-o do laço social ou reduzindo-o à condição de objeto-mercadoria. Em contrapartida a essa condição de mal-estar imposto pelo discurso do capitalista, a psicanálise se ocupa em destacar o sujeito da massa, desalienando-o do laço com o diagnóstico massificado imposto de fora.

A identidade social produzida pelo diagnóstico classificatório via Manual Diagnóstico Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM) produz uma marca anônima. Isso quer dizer que a articulação de significantes no diagnóstico está ligada ao discurso médico – hiperativo, autista, débil –, ou seja, temos uma articulação de significantes anônimos, que se sobrepõem à criança e sua família. A nomeação que interessa à psicanálise é aquela que traz uma marca articulada à linhagem familiar.

A formação de uma família implica a relação com um desejo escancarado, não-anônimo, que "se articula com os nomes da mãe, do pai e da criança [já que] o nome do pai e nome da mãe acabam, ambos [...] por ser dois instrumentos da inscrição do sujeito [pois] para Lacan, o sujeito se situa entre dois termos. (Laurent, 2005, pp. 99-100).

Em Nota sobre a criança, Lacan não fala de pai e mãe, mas de função paterna e materna. É nesse ponto que, retornando à nossa questão orientadora, afirmamos que a psicanálise contribui para se pensar toda a extensão que o conceito de família apresenta na atualidade e que tem se tornado alvo de discussões em diversos campos do conhecimento. O saber sobre o que é ser família está com ela própria e não definido a posteriori no discurso médico-científico ou em qualquer outro discurso que se proponha detentor da verdade sobre a família, a ponto de enquadrá-la em um estatuto. À família cabe transmitir a constituição de um sujeito e isso se faz exercendo as funções materna e paterna, o que implica o desejo de quem as exerce e não, como muito se argumenta, o sexo de quem as exerce.

## Referências

Lacan, J. (1969/2003). Nota sobre a criança. In J. Lacan. Outros escritos. (pp. 369-370). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1972). Do discurso psicanalítico. Disponível em:

<http://lacanempdf.blogspot.com.br/2017/07/do-discurso-psicanalitico-conferencia.html>

Laurent, E. O Nome-do-Pai entre realismo e nominalismo. Opção Lacaniana. Revista

Brasileira Internacional de Psicanálise, n. 44, nov. 2005, pp. 92-109. São Paulo: Edições Eolia.

Petri, R. (2006). Leitura Psicanalítica do Desenvolvimento e suas Implicações para o Tratamento de Crianças. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP,

Brasil. Recuperado em 24 de setembro, 2013, de <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp022295.pdf>

Santiago, A. L. (2013). A psicanálise do hiperativo e do desatento... com Lacan. In: A. L. Santiago, & M. Mezêncio (orgs.). A psicanálise do hiperativo e do desatento... com Lacan. Belo Horizonte: Scriptum.